



PROPOSTA METODOLÓGICA DE OBSERVAÇÃO DO ÊXTASE RELIGIOSO DISCURSIVAMENTE MANIFESTADO E SOCIALMENTE LEGITIMADO

Methodological Proposal for the Observation of Religious Ecstasy Discursively Manifested and Socially Legitimized

Fabiano Aparecido Costa Leite*

Conselho Estadual do Ensino Religioso do Espírito Santo (CONERES)

DOI: 10.29327/256659.16.2-9

RESUMO:

O êxtase religioso é uma das experiências mais intensas e significativas do encontro humano com o sagrado. Este artigo propõe uma proposta metodológica para observá-lo sob a perspectiva da Análise do Discurso Maingueneana, articulando os conceitos de práxis discursiva, competência discursiva e ideologia do discurso com a experiência fenomenológica descrita por Eliade e Otto. A pesquisa compreende o êxtase como ato de linguagem e de corpo, legitimado socialmente dentro do campo religioso que o abriga. A partir da noção de autor negador e do terceiro incluso, o estudo apresenta o êxtase como uma enunciação que ultrapassa o sujeito individual, tornando-se um fenômeno compartilhado e discursivamente reconhecido pela comunidade de fé. Assim, o método proposto observa o êxtase como acontecimento discursivo e institucionalizado, em que o sagrado se manifesta por meio de uma cena enunciativa legitimada, e o corpo torna-se expressão do próprio discurso religioso.

Palavras-chave: Êxtase religioso; Análise do discurso; Maingueneau; Autor negador; Fenomenologia do sagrado.

* Doutor em Ciências da Religião, Mestre em Ciências das Religiões, pós-graduação em Ciência da Religião, especialista em relações étnico-raciais e graduação em pedagogia e gestão de marketing. Área de concentração: Análise do discurso, pluralismo religioso, marketing para o terceiro setor, ética e religião, sociedade e religião e religiões afro-brasileiras. Membro do CONERES - Conselho Estadual do Ensino Religioso do Espírito Santo e membro da executiva do Fórum Capixaba pela Diversidade Religiosa. E-mail: costaleitefabiano@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O êxtase religioso é uma das mais intensas experiências da jornada espiritual. As pessoas que o vivenciam relatam uma profunda conexão com o divino, na qual o mundo profano é suspenso por um sentimento que adentra ao mundo sagrado, como religião é fenômeno humano, é comum o êxtase nas mais diversas religiões e das formas mais variadas, por isso esse artigo observará o êxtase como o momento em que o religioso atravessa os muros da imanência, não é o mundo da imaginação, não é patológico, é uma realidade de conexão com o sagrado a partir da sua visão e prática ritualística (Eliade, 2002.), é em outras palavras um encontro consciente em pleno estado alterado de consciência.

O desafio da observação do êxtase é que ele está ligado diretamente à subjetividade humana e para nós, ligado fundamentalmente dentro da fenomenologia, pois estudar o êxtase não nos permite acessar diretamente o objeto, mas captar os fenômenos que o êxtase comunica ao se manifestar *Mysterium Tremendum et Fascinans* (Otto, 2011), pois mesmo que o próprio pesquisador já tenha vivenciado o êxtase religioso que se desenvolve na pessoa observada, ainda provavelmente é diferente nas dimensões da subjetividade e grau de estado alterado de consciência¹.

Por esse motivo, a proposta do método está diretamente ligada ao êxtase que se dirige aos demais: o êxtase que fala, profetiza, articula, roga, se mexe. O êxtase que está ligado à coletividade, que chama o outro a participar, como se o êxtase fosse além de quem enuncia, que é veículo para os demais, e este artigo tem como objetivo propor uma abordagem discursiva para observar esse tipo de êxtase religioso, analisando como ele se manifesta, é legitimado e institucionalizado.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

Com essas premissas em mente, podemos observar o êxtase em diferentes frentes, ao mesmo tempo ou destacadas, utilizando um grande número de métodos, que dialogam entre si e produzem resultados para aproximar o pesquisador ao êxtase religioso. Esse artigo assume uma metodologia voltada a análise do discurso (AD), especificamente a análise do discurso

¹ A partir de agora usaremos EAC, na perspectiva que existe um espectro que vai da sutil alteração da percepção do religioso até a indicação da completa falta de consciência dos seus atos.

Maingueneana (ADM). Embora muitos estudiosos observam Maingueneau como parte da análise do discurso francesa, nossas observações se aproximam Cavalcanti:

no que diz respeito à aproximação dos conceitos cunhados por Maingueneau e à noção bakhtiniana de gêneros, constatamos afinidades, sobretudo na divisão entre gêneros conversacionais e instituídos, que remete à distinção entre gêneros primários e secundários feita pelo teórico russo. A noção de competência genérica, por seu turno, é elaborada levando em conta as reflexões de Bakhtin a respeito do conhecimento (muitas vezes inconsciente) de que dispõem os falantes sobre os gêneros de discurso (Cavalcanti, 2013).

Acreditamos que Maingueneau é um crítico de Pêcheux e Foucault, e por diversas vezes recorre a Bakhtin e os formalistas russos para corroborar com suas visões sobre a análise do discurso como podemos observar em alguns momentos das suas obras:

Para Foucault, já que “a análise enunciativa pode aplicar-se apenas às coisas ditas”, o princípio de uma competência se encontraria excluído; para nós, o desvio por um modelo de competência, por aquilo que pode ser dito, permite justamente melhor dar conta do que foi efetivamente dito (Maingueneau, 1995 p. 49).

Ou ainda:

Atualmente os analistas de discurso estão longe das linhas programáticas de Foucault e Pêcheux. À diferença das definições de “gênero” e de “posicionamento” ou de suas transformações terminológicas, em relação às quais os pesquisadores discutem abundantemente, a de “formação discursiva” é, na maioria das vezes, empregada como evidente (Maingueneau, 2008a p. 15).

Já em Bakhtin:

É-se, então, naturalmente levado a “redescobrir” as pesquisas de “precursores”, em particular as do “círculo de M. Bakhtin”, que fazem da relação com o Outro o fundamento da discursividade. [...] Se em algum sentido nosso percurso se inscreve na mesma perspectiva que a de Bakhtin, a de uma “heterogeneidade constitutiva”, operaremos, no entanto, em um quadro restrito, atribuindo a essa orientação geral um quadro metodológico e um domínio de validade muito mais precisos (MAINGUENEAU, 1995, p. 32-33).

Observamos ser presente o contraponto com a análise do discurso francesa, ao mesmo tempo aproximando-se do dialogismo e ao mesmo tempo durante seu percurso, Maingueneau desenvolve além de questões teóricas do discurso uma metodologia própria:

para mim, este livro é particularmente importante porque, pela primeira vez, me arrisquei em uma empreitada teórica e metodológica. O risco era maior pelo fato de que a obra se apoiava em um *corpus* que, então, era particularmente exótico para os analistas do discurso (Maingueneau, 1995 p. 12).

Uma vez que Maingueneau pode se tornar aporte teórico e metodológico, podemos também indicar que existe uma análise do discurso Maingueneana, que por sua vez pode fornecer ao pesquisador do êxtase religioso uma perspectiva sólida nas suas observações, já que a religião para Maingueneau está inscrita dentro do discurso constituinte:

a pretensão desses discursos, assim chamados por nós de “constituintes”, é de não reconhecer outra autoridade além da sua própria, de não admitir quaisquer outros discursos acima deles. (...) Eles operam a mesma função na produção simbólica de uma sociedade, uma função que poderíamos chamar de archeion. Esse termo grego, étimo do latino archevum, apresenta uma polissemia interessante para nossa perspectiva: ligado arché, “fonte”, “princípio”, e a partir daí “comando”, “poder”, o archeion é a sede de autoridade (MAINGUENEAU, 2008a pp. 37-38).

Nesse sentido, a explicação do êxtase está ligada exclusivamente ao discurso religioso, não é necessária validação externa ou de outros discursos, ele se autoriza e se reconhece como genuíno perante o sagrado que está vinculado. A análise do discurso é um método capaz de observar diversas representações do êxtase, pois quando o religioso fala, ele por si só está inserido na AD, mas mesmo que o êxtase seja sem a fala diretamente, pode-se também pela AD observar o evento discursivo de outras formas, porque “o discurso é inseparável do corpo que o enuncia” (Maingueneau, 1995), ou seja, a competência discursiva, a cena da enunciação, os intertextos e a dêixis entre outras.

PROPOSTA METODOLÓGICA

Outro ponto de que devemos levar em consideração em uma metodologia da AD voltada para a observação do êxtase, é que além do enunciador do êxtase, existe muitas vezes o co-enunciador, aquele que capta os fenômenos do êxtase do enunciador, pois a vida religiosa também é uma vida social, e esse enunciador passa a ser além de um espectador do êxtase a fazer parte do discurso, pois ele também participa, principalmente como pessoa capaz de interdição do discurso.

Precisamos também ao usar a ADM como método para observar o êxtase, nos aproximarmos dos estudos de Costa Leite sobre o terceiro incluso: “ser momentâneo e institucionalizado, inserido pelo autor negador, enunciador do discurso que se apresenta em estado alterado de consciência, e legitimado pela ideologia do co-enunciador” (Costa Leite, 2018 p. 124).

A ideia de autor negador é importante na medida que subverte a ordem do discurso, ou seja, se em êxtase profetiza-se, mantém contato ou se dirige aos demais, o enunciador deve assumir o papel de que esse discurso não é dele, mesmo que seja sua voz e seu corpo, não é o seu discurso, mas de um terceiro incluso como demonstra Costa Leite:

assim, o autor-negador se estabelece, a priori, com uma autoridade fundamental. Ele não é desse mundo, mas do mundo espiritual, que lhe concede características que não existem no imanente e que não podem ser alcançadas por nenhum humano, e sua missão é ajudar as pessoas dos mais variados sortilégios (Costa Leite, 2018 p. 104).

O enunciador se coloca em situação que está sob alguma forma de inspiração ou controle do divino, mas precisa mostrar e convencer o co-enunciador que não age estrategicamente, mas por percepção de um terceiro incluso que de alguma forma o conduz ou demonstra para ele a necessidade do agir, que é diferente de outros tipos de êxtase que estão ligados exclusivamente ao sentimento internalizado do enunciador para ele mesmo, mas que em última análise também sobre algum tipo interdição dos co-enunciadores e sua ideologia.

Devemos reconhecer também que o êxtase pode estar ligado a outras variações do discurso, podendo não se estabelecer como um terceiro para o enunciador (Costa Leite, 2018), pois esse pode simular o êxtase, estrategicamente consciente que não está em êxtase², utilizando-se da simulação do fenômeno para conseguir algo para si, desde prestígio religioso, auto realização ou até ganhos materiais entre outros. Pode-se encontrar ainda o *louco*³ aquele que crê realmente no êxtase, mas a psiquiatria já o retirou do discurso por esquizofrenia, dupla personalidade ou outros transtornos relacionados. Uma vez que algumas dessas questões são postas e assumidas como verdadeiras pelo co-enunciador, o discurso do êxtase se interrompe, ele desmorona e passa a não ter efeito.

Essa complexidade de observar esse fenômeno faz com que primeiro o método investigue a capacidade do enunciador cumprir os requisitos mínimos do êxtase, afinal, ele está localizado em um segmento religioso, que precisa ser validado pelos seus pares e pela teologia do seu segmento confessional.

² Em alguns movimentos religiosos, como os pentecostais, é utilizado a negação do ato, como o falso profeta, já em algumas religiões como o candomblé, existem palavras específicas como *Equê* (do iorubá, significando mentira/engano) ou gírias populares como marmotagem.

³ Forma popular de abranger os mais diversos transtornos psiquiátricos.

Nessa direção, a práxis discursiva passa a se estabelecer como limites do êxtase, pois “o ethos é inseparável de uma corporalidade, isto é, de esquemas que definem uma maneira de o locutor habitar seu corpo de enunciador e, indiretamente, de enunciatário. Cada discurso tem seu corpo” (Maingueneau, 2008b p. 70), o que insere o êxtase dentro de um contexto social, institucional e histórico. Então podemos enfatizar que o êxtase é também ação que advém com a enunciação a partir da instituição religiosa que abriga o êxtase representada pelos seus valores teológicos.

Essa condicionante limita a cena da enunciação do êxtase, pois se dentro de uma igreja evangélica um dos membros ao proclamar seu êxtase e calorosamente desprender a frase *saravá meu pai*, esse êxtase será interdito pelos co-enunciadores e tratado agora como possessão demoníaca, desmoronando o discurso independente do sentimento ou desejos do enunciador. Logo podemos observar no método, que o êxtase não está totalmente desprendido da consciência da cena enunciativa, ele se adequa ao local e as indicações teológicas presentes.

O corpo também é limitado, algumas congregações não permitem que seus membros, mesmo em êxtase façam movimentos bruscos, pulem ou andem, e no caso de religiões de matriz africanas como a Umbanda que tem limites mais fluidos, é esperado um sujeito arqueado em uma gira de pretos velhos, causando estranheza se ele se comportar com a pujança de um caboclo.

Dessa forma, a primeira questão a ser levantada pela ADM é a práxis, que por sua vez deve ser observada como legitimadora e ao mesmo tempo limitadora do êxtase, que é a primeira característica para se estudar o êxtase, onde a aceitação dos co-enunciadores sobre o êxtase, inclusive do próprio pesquisador, que se insere como agente do discurso a partir do momento que participa da articulação do mesmo.

A partir da avaliação do discurso em relação a práxis, o método desloca-se para a competência discursiva, que pode ser assim definida:

a hipótese de uma competência vê-se assim reforçada: qualquer que seja o campo semântico com o qual possa ter de se confrontar, o enunciador dispõe de um sistema simples e muito fortemente estruturado. Como já sugerimos, é conveniente ver nesses sistemas não arquiteturas estáticas, mas esquemas de processamento de sentido. Sem cessar, o enunciador se encontra diante de materiais semânticos inéditos; para produzir

enunciados conformes à formação discursiva, ele não dispõe de sequências realizadas que deveria imitar, mas de regras que lhe permitam filtrar as categorias pertinentes e fazer com que estruturam o conjunto dos planos do discurso. Longe de serem índices de seu “irrealismo”, a simplicidade dos modelos de competência seria a condição de sua capacidade de ter imediatamente resposta para tudo no interior de um universo de sentido consistente (Maingueneau, 1995 p. 69).

Nesse sentido, a competência discursiva está deslocada do enunciador enquanto pessoa, pois ela agora está agindo sobre o autor negador que se encontra em êxtase, não é apenas o seu discurso, mas está em conjuntos o sagrado, e por isso é competente para que o êxtase ocorra, para que a palavra tenha peso, para que o corpo possa se livrar da fragilidade da observação do comportamento mundano. Uma vez deslocado para o êxtase, o discurso passa a ter autoridade, uma vez que pode ser unicamente conduzido pelo sagrado como na possessão, ou ainda na inspiração, a união do sagrado com o consciente ativo e o EAC que se faz necessário o agir.

Porém, a competência discursiva ainda desenvolve um limitador dos seus interdiscursos, ele não produz a novidade, ele produz o esperado, só tem significado discursivo do sagrado se estiver dentro do que é esperado pelo co-enunciador. Assim, uma mensagem é aceita se o êxtase cristão estiver diretamente ligado a ideia da presença do Espírito Santo, dentro dos limites teológicos que a religião determina como influência divina, se o discurso estiver atrelado a Alá, não criará a competência discursiva capaz de sustentar o discurso do êxtase, da mesma forma que em uma mesquita Sunita o comportamento Sufi não será apreciado como um êxtase legítimo.

Portanto o método de observação do êxtase religioso pela AD deve levar em consideração que interdiscursos são movimentados pelo êxtase, pois uma fé politizada pode aceitar um discurso sagrado que corresponda a expectativa política daquela congregação por exemplo, mesmo que a fala seja dirigida para o profano (pólitica), ela ainda tem competência discursiva porque articula uma ideia ligada aos princípios da congregação (conservadorismo por exemplo). O que vai de encontro a semântica global do discurso: “um procedimento que se funda sobre uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentro seus ‘planos’, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação (Maingueneau, 1995 p. 75).

Com isso, espera-se que a pessoa em êxtase fale palavras chaves específicas, que seu corpo se projete como esperado, que mesmo nos dinamismos do EAC do êxtase esse ainda mantenha um estatuto mínimo do discurso para se apresentar como autor negador para o co-enunciador. Por isso é importante para os métodos encontrar essa semântica como palavras chaves como *amém, irmão, sarava, mizifio, glória, Leão de Judá* ou qualquer outro jargão teológico da sua comunidade de fé e que o pesquisador poderá estabelecer essas articulações dentro da teologia observando o quanto o êxtase está imbricado com a cena da enunciação e com a competência discursiva para legitimar o discurso que o êxtase está propondo.

Uma vez estipulado essa organização do método, é que podemos passar para a ideologia do discurso, afinal quando este artigo está contemplando o êxtase que compartilha, movimenta o co-enunciador, logo, ele está inserido na ideologia dos sujeitos humanos, mesmo que dentro do tempo sagrado do êxtase, uma vez que traz o terceiro incluso.

Para isso é necessário entender o sentido do êxtase, como falar em línguas por exemplo, que pode ser um prelúdio de aceitação das próximas falas da pessoa em êxtase, ou ainda frases comumente associadas a confirmação da mensagem divina, como *Deus está me inquietando para...* e como isso repercute na aceitação do êxtase além de observações do levantar as mãos, pular, gestos de alegria que podem ser produzidos no momento do êxtase, e que tipo de discurso são realizados junto com essas características de confirmação da presença do terceiro incluso.

Assim, o método pode ser representado a partir desse esquema:

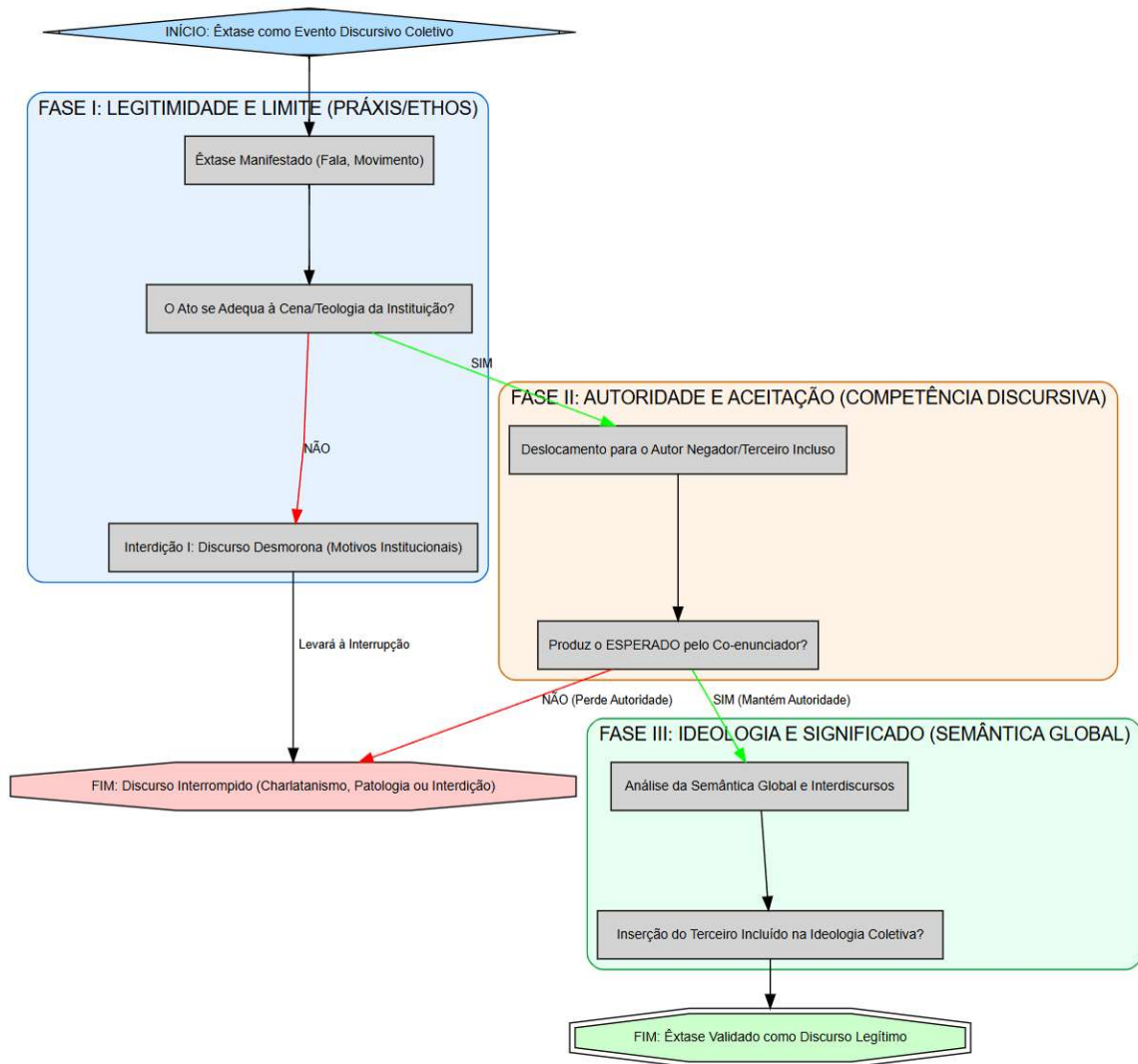


Figura 1: Esquema do método de observação do êxtase socialmente legitimado

A partir dessas questões, podemos incorporar esse método dentro do escopo de estudos que observam o êxtase, assegurando rigor científico mesmo no caso de fenômenos tão subjetivos como os que utilizam o EAC como articulador do discurso religioso, e permitindo ressaltar características de como a religião que o autor negador está inserido produz esse êxtase e como esse êxtase é aceito pelo seu grupo religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, escolha do enunciador do êxtase ligado a uma discursividade manifestada passa a ser também pautada dentro de uma razão metodológica, o que em diversos estudos não se

demonstra bem delineado, alguns utilizam apenas um procedimento empírico do pesquisador e outros são concebidos de forma aleatória, sem reconhecer que tipos de sujeitos são necessários para a observação do êxtase naquele estudo.

As reflexões apresentadas indicam que a observação do êxtase religioso, ao ser deslocada para o campo discursivo, permite compreender o êxtase também como fenômeno socialmente legitimado. A proposta metodológica oferece uma via de pesquisa que une fenomenologia e análise do discurso, sem reduzir o êxtase à psicologia ou à teologia.

A natureza do êxtase, enquanto enunciação partilhada, convida o pesquisador a ir além do sujeito individual, reconhecendo que a manifestação divina é, também, um ato coletivo de reconhecimento mútuo. A competência discursiva do êxtase é, em última análise, a competência do autor negador de empreender o sucesso da negação da autoria discursiva para seus co-enunciadores.

Em estudos futuros, essa perspectiva poderá ser aplicada a diferentes tradições religiosas, permitindo observar como cada comunidade articula seus próprios modos de legitimação do êxtase e de construção simbólica do corpo sagrado: do êxtase pentecostal ao falar em línguas, do Dhikr Sufi à consulta de uma entidade na gira de Umbanda.

Assim, o presente trabalho não tem o interesse de encerrar, mas de iniciar um horizonte de continuidade: compreender o êxtase como discurso, e o discurso como forma da presença do sagrado no humano.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, J. R. **A presença do conceito gêneros de discurso nas reflexões de D Maingueneau**. Linguagem em (Dis)curso. Vol 13 de 2013, pp. 429-448.

COSTA LEITE, Fabiano A. **Quem está na terra: o autor no discurso religioso da umbanda**. Pernambuco : Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco, 2018. Disponível em <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1181>, acesso no dia 27/10/2025

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. São Paulo : Martins Fontes, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. São Paulo : Parábola, 1995.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. São Paulo : Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo : Contexto, 2008.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis : Vozes, 2011

ABSTRACT

Religious ecstasy stands as one of the most profound and transformative experiences of human encounter with the sacred. This article presents a methodological proposal to observe ecstasy through the lens of Mainguenean Discourse Analysis, connecting the notions of discursive praxis, discursive competence, and ideology of discourse with the phenomenological understanding of the sacred proposed by Eliade and Otto. Ecstasy is approached as both a linguistic and bodily act, socially legitimized within the religious framework that sustains it. Based on the concepts of the denying author (autor negador) and the included third, the study interprets ecstasy as an enunciative event that transcends the individual subject, becoming a shared and institutionally recognized discourse within the faith community. Thus, the proposed method situates religious ecstasy as a discursive and legitimized phenomenon, in which the sacred manifests through the enunciative scene and the body becomes the visible extension of the religious word.

Keywords: Religious ecstasy; Discourse Analysis; Maingueneau; Denying author; Phenomenology of the sacred.

Recebido em 06/10/2025

Aprovado para publicação em 27/10/2025